

REFLEXÕES TEÓRICAS DA TRANSDICIPLINARIDADE PARA UM SENTIDO DE TRANSRELIGIOSIDADE

Autor :Samuel Lopes Pinheiro¹; Orientador: Humberto Calloni²

Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Email: samuelshankara@gmail.com

EDIS 4: Espiritualidades, dissidências e lógicas fundamentalistas

Resumo: Este trabalho tem por intuito ser um ponto de partida na reflexão acerca de como a lógica da transdisciplinaridade elencadas por autores como o romeno Basarab Nicolescu (1942-) e o francês Edgar Morin (1921-) podem nos orientar para o debate sobre fenômenos como a transculturalidade e transreligiosidade em nossos dias e como a escola e os espaços de ensino e aprendizagem refletem e encaram suas práticas em temas que orbitam em torno de espiritualidades e religiosidades. A transreligiosidade, ou seja, o ir além das religiões, vendo aquilo que as atravessa e as transcende. Em tempos de aprofundamento de lógicas fundamentalistas e conservadoras como nos aponta Boaventura de Souza Santos (1940-) em diferentes setores da vida, a transdisciplinaridade corresponde a abertura das diferentes culturas, o respeito, o diálogo e a convivialidade para o integrar dos diferentes saberes.

Palavras-chave: Fundamentalismos, Transdisciplinaridade, Transreligiosidade, Basarab Nicolescu, Edgar Morin

Contextos Fundamentalistas e os Corpos do Brasil profundo de 2018

A intensidade da experiência religiosa é importante, mas o mais importante é a sua orientação existencial.
Boaventura de Souza Santos

Que outra região do globo terrestre congrega em seus territórios tamanha diversidade quanto o Brasil? Com certeza são muitos os povos e lugares que fortemente expressam uma pluralidade de saberes religiosos, populares, espirituais, culturais e suas cosmovisões, mas certamente, o Brasil chama muito atenção neste sentido por conta de sua grandiosidade territorial e incrível quantidade de miscigenação étnica e cultural. Há alguns anos não imaginaríamos o cenário fundamentalista

¹ Doutorando em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG); graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Doutor em Educação pela UGRS; Professor no PPGEA (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental); coordenador do GEC (Grupo de Estudos da Complexidade).

religioso que se assevera no contexto latino e brasileiro da atualidade. Isto porque o Brasil é abundante na pluralidade de expressões religiosas e espirituais, de todos matizes étnicos e culturais, o que parece uma contradição imposta pelos anseios das correntes fundamentalistas.

Porém o que vimos sendo manifestado nos últimos anos no Brasil é o aprofundamento de teologias políticas fundamentalistas que possuem em seu cerne um forte teor extirpador das pluralidades e que fortalecem um discurso monocromático, de ser o portador de uma solução religiosa ao país. Acontece que no decurso deste empenho, elas precisariam se manifestar no âmbito do público através das instituições públicas, como a atual forte presença no Estado, de representações políticas que se tornam porta-vozes destas orientações fundamentalistas. Pois, apesar do Estado ainda alegar laicidade, os movimentos fundamentalistas parecem contrapor este princípio e avançam suas diretrizes no âmbito político e público.

O sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2014) nos auxilia a diagnosticar estes movimentos no que tange a questão da religião e do papel da religião na sociedade. Ele aponta que “de uma forma mais ou menos radical, todas as teologias políticas questionam a distinção moderna entre o público e o privado e reivindicam a intervenção da religião na esfera pública” (2014, p. 39). Mais adiante continua ao fazer uma diferenciação entre teologias pluralistas e fundamentalistas, e que de certa maneira as teologias pluralistas indicam uma concepção humanista da religião, enquanto as fundamentalistas defendem uma forma fechada de concepção de verdade única.

Dentre os argumentos dos movimentos fundamentalistas está um sentido de que a sociedade moderna corrompeu valores cristãos e com isso uma defesa de menor intervenção do Estado na vida privada, um claro alinhamento de interesses teológicos com princípios da economia de mercado. Boaventura de Souza Santos (2014) traz indicativos históricos de que esta Nova Direita de fundamentalismo político religioso nasce nos Estados Unidos e se espalha em diferentes países, hoje, principalmente dentre os países latinos. Sobre o caso do Brasil, destaco o seguinte parágrafo:

A expansão dos movimentos fundamentalistas cristãos por todo o mundo, quer por meio da missionação proselitista, quer por meio de recursos eletrônicos, tem um impacto político importante. Ao expandir-se, estes movimentos também se indigenizam. No Brasil, por exemplo, o neopentecostalismo ou terceira onda do pentecostalismo é um capítulo do evangelicalismo que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, metodistas, etc.). Uma boa parte destes movimentos possui ou utiliza canais de televisão, rádio, jornais, editoras e portais ou páginas web próprias. Hoje, os neopentecostais formam a segunda maior bancada do Congresso Nacional do Brasil com 59 parlamentares, o que explica que nas três últimas eleições o debate eleitoral tenha estado centrado na questão do aborto, e não em temas como a economia, a habitação ou a educação, ou que Marco Feliciano, um pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, se tenha tornado presidente da Comissão Parlamentar para os Direitos Humanos e proposto uma lei controversa conhecida como “cura gay”, que, caso fosse aprovada, permitiria aos psicólogos tratar a “homossexualidade” como uma doença (SANTOS, 2012, p. 76).

Este tipo de cenário fundamentalista religioso no Brasil, com um Congresso que está tomado por esta visão como o sociólogo Boaventura nos aponta, é promotor de implementações de políticas educativas que irão cercear a pluralidade religiosa e a diversidade de sentidos espirituais que a cultura brasileira carrega em si. Isto significa retrocessos societários em muitos sentidos que tolhem a diversidade de expressões culturais e espirituais dos corpos humanos. Então contra os aprofundamentos fundamentalistas não só na educação, mas em todos os aspectos da vida, é que se torna urgente a discussão sobre a diversidade, o diálogo de saberes, horizontes que a Transdisciplinaridade e a Complexidade podem vir a auxiliar neste empenho, o de tecer uma sociedade ampla, diversa e que não esteja limitada por modos únicos e hegemônicos de ser.

Reflexões Transdisciplinares para um Sentido de Tranreligiosidade

A um pensamento que isola e separa, é necessário substituir um pensamento que distinga e religue. A um pensamento disjuntivo e redutor, é necessário substituir um pensamento do complexo, no sentido original do termo complexus: o que é tecido em conjunto.
Edgar Morin

A visão transdisciplinar como o prefixo *trans* sugere, invoca a ideia do “ir além”, ou seja, o ir além do fechamento disciplinar. Como um movimento que transgride a lógica dual de oposição dos diferentes pares binários.

De acordo com Basarab Nicolescu (2002) o ponto de vista transdisciplinar nos permite considerar uma lógica multidimensional, estruturado por múltiplos níveis, ao invés de um único como preconizava a lógica clássica. Assim esta abertura que a transdisciplinaridade opera nos proporciona uma complexificação para o entendimento que temos sobre a realidades mesma e nos chama para o assimilar das diferentes possibilidades e o enfrentamento de um mundo monocromático, que se limita a um sentido de homogeneização e unidirecionalidade. Com a lógica do terceiro incluído que os estudos transdisciplinares ecoam, reflexões como a diversidade e a multidimensionalidade da realidade adquire força de atuação.

Esta visão fortalece a pluralidade e a interculturalidade, que constituem passos importantes para o que vem a ser uma comunicação transcultural. Isso significa dizer, uma abertura de todas as culturas àquilo que as atravessa e ultrapassa.

Esta percepção daquilo que atravessa e ultrapassa as culturas é, a princípio, uma experiência irreduzível a qualquer teorização. Porém, ela é rica em ensinamentos para a nossa própria vida e para a nossa ação no mundo. Ela nos indica que nenhuma cultura constitui o lugar privilegiado a partir do qual possamos julgar as outras culturas. Cada cultura é a atualização de uma potencialidade do ser humano, num lugar bem determinado da Terra e num momento bem determinado da História. Os diferentes lugares da Terra e os momentos diferentes da História atualizam as diferentes potencialidades do ser humano, as diferentes culturas. É o ser humano, em sua totalidade aberta, o lugar sem lugar daquilo que atravessa e ultrapassa as culturas (NICOLESCU, 1999, p.115).

A atitude transdisciplinar nos convida ao rigor, a abertura a tolerância como traços fundamentais. Num movimento de eterno questionamento, acompanhado não de verdades imutáveis, mas de respostas aceitas como temporárias. E no âmbito da questão da religião, a transdisciplinaridade e complexidade irão fomentar uma atitude transreligiosa para o fortalecimento destes traços de rigor, abertura e tolerância. Neste sentido Basarab Nicolescu no explica:

A atitude tranreligiosa não está em contradição com nenhuma tradição religiosa e nenhuma tradição religiosa ou atéia, na medida em que estas tradições e estas correntes reconhecem a presença do sagrado. Esta presença do sagrado é, de fato, nossa transpresença no mundo. Se fosse generalizada, a atitude transreligiosa tornaria impossível qualquer guerra de religiões (NICOLESCU, 1999, p. 138).

O reconhecimento do sagrado em múltiplas instâncias, como aquilo que permeia diferentes visões religiosas, é o que permite o encontro e a construção de pontes entre múltiplos conhecimentos. A transreligiosidade não seria nem religiosa, nem a-religiosa, mas *trans*, no sentido de ir além da religião.

Estas atitudes transdisciplinares e transreligiosas soam como muito distantes de se alcançar em tempos de barbárie e fundamentalismo que vivemos, mas são atitudes que representam maneira de inserir e tencionar este debate na sociedade. Não entendo como uma utopia impossível de se realizar, mas como um horizonte de debates que se insere e que buscam seu lugar na modernidade, alargando o entendimento de espiritualidade e complexificando os sentidos de sagrado.

Estas atitudes transdisciplinares, para além da discussão das teologias políticas, como bem colocou Boaventura de Souza Santos (2014) no início desta discussão, desembocam também na maneira de se pensar a educação. Isto porque a educação atual privilegia determinadas características da formação como a inteligência ou o raciocínio em detrimento das sensibilidades e criatividade. A noção complexa de sagrado, dificilmente está presente nas maneiras de ensino e aprendizagem de religião nas escolas. Como nos lembra Edgar Morin (1999, p.21): “a reforma do ensino deve conduzir a reforma do pensamento e a reforma do pensamento deve conduzir à reforma do ensino”. Como que num projeto de mudança paradigmática mesmo em que a educação também passa por uma educação integral do ser. Assim, complexificando os sentidos de sagrado e espiritualidades em nossa educação, poderíamos ver serem elaborados ou emergirem outras formas

não fundamentalistas de se pensar a relação Religião e Sociedade e Religião e Estado, bem como os cruzamentos entre o público e o privado.

Referências:

MORIN, Edgar. Reformar o pensamento: a cabeça bem feita. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

NICOLESCU, Basarab. O manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2014.

